

José J. Perestrello



CHRONICA SEMANAL

REDIGIDA POR UMA SOCIEDADE D'HOMENS SEM LETRAS

PROPRIETARIO—HUMBERTO S. PINTO

CORRESPONDENCIA À LIVRARIA POPULAR. R. AUGUSTA, 222—LISBOA

PUBLICA-SE ÀS QUINTAS-FEIRAS

PREÇO POR ANNO OU 52 N.º 1.º000 RÉIS—CADA N.º 20 RÉIS

ANNO 1.º

LISBOA, 10 DE JULHO DE 1884

NUMERO 2

CHRONICA DA SEMANA

SUMARIO—As eleições—Campo e praias—A companhia das aguas e o cholera—O beneficio de José Peixinho.

ACABARAM as eleições e principia a emigração para o campo e para as praias.

Estes dois factos explicam a pobreza de acontecimentos, que possam servir de assumpto para uma desenvolvida chronica.

As eleições passaram, deixando de si triste memoria e manchando de sangue os diplomas de alguns dos futuros deputados.

Não é facil a qualquer que deseja ser imparcial, averiguar a quem cabe a responsabilidade dos funestos acontecimentos, que se deram em Ourem e na Madeira.

Por emquanto esses factos teem sido discutidos ao sabor das paixões partidarias, que são uma lente enganadora para por ella poderem ser devidamente apreciados.



COSTUMES PORTUGUEZES—MULHER D'AVINTES

Só o tempo e a acção insuspeita do poder judicial poderão fazer luz sobre essas desgraçadas occorrencias, que sobresaltaram a consciencia publica; e só então será licito fazer recahir nos verdadeiros culpados a responsabilidade inteira d'esses lugubres incidentes das eleições constituintes.

Até lá o bom senso aconselha a prudente reserva, que guardamos.

O campo e as praias estão fazendo negaças aos habitantes de Lisboa convidando-os para a sombra das suas arvores ou para a frescura das suas aguas.

Cintra é, no momento dado, o ponto favorito de reunião do *high-life*, que vae procurar, no ambiente perfumado d'aquelle pittoresco sitio, umas horas de invejavel repouso e uns dias de descuidosa e alegre distração.

Quando chegar o mez de agosto aquellas caravanas douradas levantam o acampamento e vão para Cascaes, onde a côrte se banha, retemperando a musculatura, enfraquecida pelos calores do estio, para os exercicios violentos das rapidas walsas dos saraus do paço.

Mas os *touristes* de Cintra e Cascaes não são, ao nosso ver, os que mais gosam.

A *posição*, mesmo no campo e nas praias, obriga a umas certas impertinencias de etiqueta, que aborrecem e incommodam.

Os felizes são os que podem, como as aves, escolher o ninho, e em plena liberdade, n'uma quinta, em qualquer povoação sertaneja, ou n'uma casa, a cavalleiro do mar, fruir os enlevos do campo ou praia, como elles são, sem formalidades, que mortifiquem, e sem convenções ceremoniosas, que se tornem molestas.

Nos suburbios de Lisboa, satisfazendo a ambas as condições—campo e mar—não conhecemos estancia mais agradável que Santo Antonio do Estoril.

Talvez que a amabilidade do proprietario d'aquella poetica vivenda contribua para esta nossa opinião de preferencia; talvez que a reciproca delicadeza da colonia, que annualmente allí se reune, concorra para a predilecção que temos por aquelle velho convento; talvez que todas essas circunstancias, reunidas á belleza do sitio, á salubridade da *circumfusa*, á pureza das aguas, ás emanações balsamicas da matta e ás formosas paizagens maritimas, avivem as nossas sympathias; mas o que é certo e innegavel é que allí o tempo vóa.

A companhia das aguas, na sua alta sabedoria e com o seu absolutismo ingenito, entendeu que devia despejar para o Tejo, que não carece d'ella, a agua que é necessaria para a limpeza das sentinas, summidouros e canos de esgoto da capital.

O governo, em face de uma ameaça de invasão do cholera, ouvida a junta de saude, ordenou as providencias preventivas, aconselhadas pela sciencia, em tão melindrosas e criticas circunstancias.

Uma das medidas mais urgentemente determinadas foi a limpeza das ruas e da canalisação da cidade por meio de irrigações abundantes.

Não devia ser necessaria a interferencia da auctoridade para a companhia, em beneficio do publico, que a sustenta, utilizar as sobras das aguas dos seus depositos, deixando-as correr pelas valetas das ruas.

Não sabemos se a companhia foi intimidada para esse fim, pelas vias competentes, o que sabemos é que o pó, por falta de rega, asphixia, que as ruas não são convenientemente limpas, e que os canos e summidouros continuam a exhalar os mesmos putridos miasmas.

A companhia das aguas, sejam quaes forem as suas regalias, os seus privilegios e os seus direitos, não pôde prevalecer sobre a saude publica, que tem regalias, privilegios e direitos mais sagrados, do que os mesquinhos interesses de um monopolio, que nas circunstancias actuaes se torna odioso.

Mande-se executar o parecer da junta consultiva, coaja-se a companhia a fornecer a agua necessaria, solte-se até, se preciso fôr, o Alviella por essas ruas, indemnisse-se a companhia muito embora, mas dêem-nos agua, agua em abundancia, a agua necessaria.

Na tarde de domingo teve logar na praça do Campo de Sant'Anna o beneficio de José Peixinho, um artista distincto, querido do publico e favorecido da natureza, que lhe deu em partes iguaes a habilidade, a audacia, o sangue frio e a coragem.

Foi uma festa esplendida e digna do beneficiado.

O gado, porém, não correspondeu á fama de que vinha precedido.

Era um curro de bois mansos e por esse motivo não poderam os artistas mostrar a sua pericia e competencia.

DESCRIPÇÃO DAS NOSSAS GRAVURAS

QUEM conhece o Porto tem visto decerto deslizar, Douro abaixo, uns pequenos barcos, tripulados por formosas raparigas, que manejam o remo com uma destreza e vigor pouco vulgares.

São as *Amphytrites* de Avintes, pequena povoação na margem direita do Douro, que veem trazer o pão á cidade.

Parece que a belleza do sitio, que lhes foi berço, imprimiu n'aquellas physionomias a sua natural formosura.

Não ha uma só que seja feia e todas teem a mesma elegancia, apesar do desenvolvimento muscular, adquirido nos violentos exercicios de força, a que são obrigadas desde a infancia.

As mulheres mais bonitas do paiz são com certeza as do Minho, especialmente as dos arrabaldes do Porto.

A que representa a nossa gravura não foi escolhida, como specimen; é um typo vulgar entre ellas, mas distincto, em qualquer parte onde appareça, pela correcção das fórmas, pela distincção das feições e pelo garbo donairoso que o caracteriza.

É vél-a e admiral-a.

A nossa segunda gravura representa uma margem do golfo de Onéga, que é alimentado pelas aguas do mar Branco.

Este golfo está semeado de penedos e ilhotas, formadas na maior parte pelos terrenos, que as ondas escavam nas planuras de Kargopol.

Entre a ponta de Orlof e a cidade de Kem ha um archipelago importante, composto de diferentes ilhas, entre as quaes mencionaremos Angersk, Moksalma, Zaet e Solovetsk, que é a maior do grupo e tem um convento notavel pelas recordações de *S. Savatie* e *S. Zozime* e por um relicario, que attrahe allí grande numero de devotos.

A este mosteiro andam ligadas, com recordações historicas, lendas de espectros e almas penadas, que fazem estremecer os cossacos nas suas tendas e os pescadores nas suas ligeiras barcas, quando, por horas mortas da noite, contemplam de longe o vulto enorme do gigantesco edificio.

As margens do golfo são encantadoras e pittorescas e sombreadas por uma vegetação esplendida, como se vê no *croquis* que damos.

×
A nossa terceira gravura representa quatro peregrinos *Bambaras*.

Os *Bambaras* são, na sua qualidade de *mollen* ou padres musulmanos, respeitados por todas as tribus, entre as quaes vão fazer propaganda religiosa, impondo-lhes, como primeira obrigação da nova crença, a renuncia da antropophagia.

A civilisação deve serviços importantes a estes homens, que procuram arrancar do coração dos selvagens o grosseiro appetite da carne humana, que é para elles um manjar esquisito e delicioso.

E conseguem esse resultado á custa de diversas superstições, que lhes incutem, e de diferentes embustes, com que os illudem.

Exercem também a medicina e sabem alcançar tal importancia, que são procurados para exercerem o papel de embaixadores, quando se trata de fazer algum tratado de paz.

Os *Bambaras* usam vestuario á mourisca, como se vê da nossa gravura, feita segundo um desenho de *Sellie*.

×
A edade de pedra principia depois d'essa grande catastrophe, que marca na Europa o fim da epocha quaternaria.

Não é compativel com o pequeno espaço, de que dispomos, o estudo das causas e origem d'essa grande revolução geologica.

O que é certo, porém, é que o cataclysmo diluviano deu logar á apparição na Europa de uma nova raça humana — a *aryana* — cujos usos e costumes a sciencia vae investigando, extrahindo do seio da terra os documentos, com que compõe a historia d'esses remotos tempos.

A nossa gravura representa a preparação do pão n'esse cyclo obscuro, sobre o qual a sciencia vae fazendo luz, aclarando-lhe os mysterios.

Como se vê, uma mulher prepara a farinha, apoiando as mãos sobre uma pedra, ou mó, que esmaga o grão contra outra pedra.

Uma creança aquece ao fogo rodellas de pedra, sobrepostas em camadas, e outra mulher tira-as do fogo com dois paus molhados.

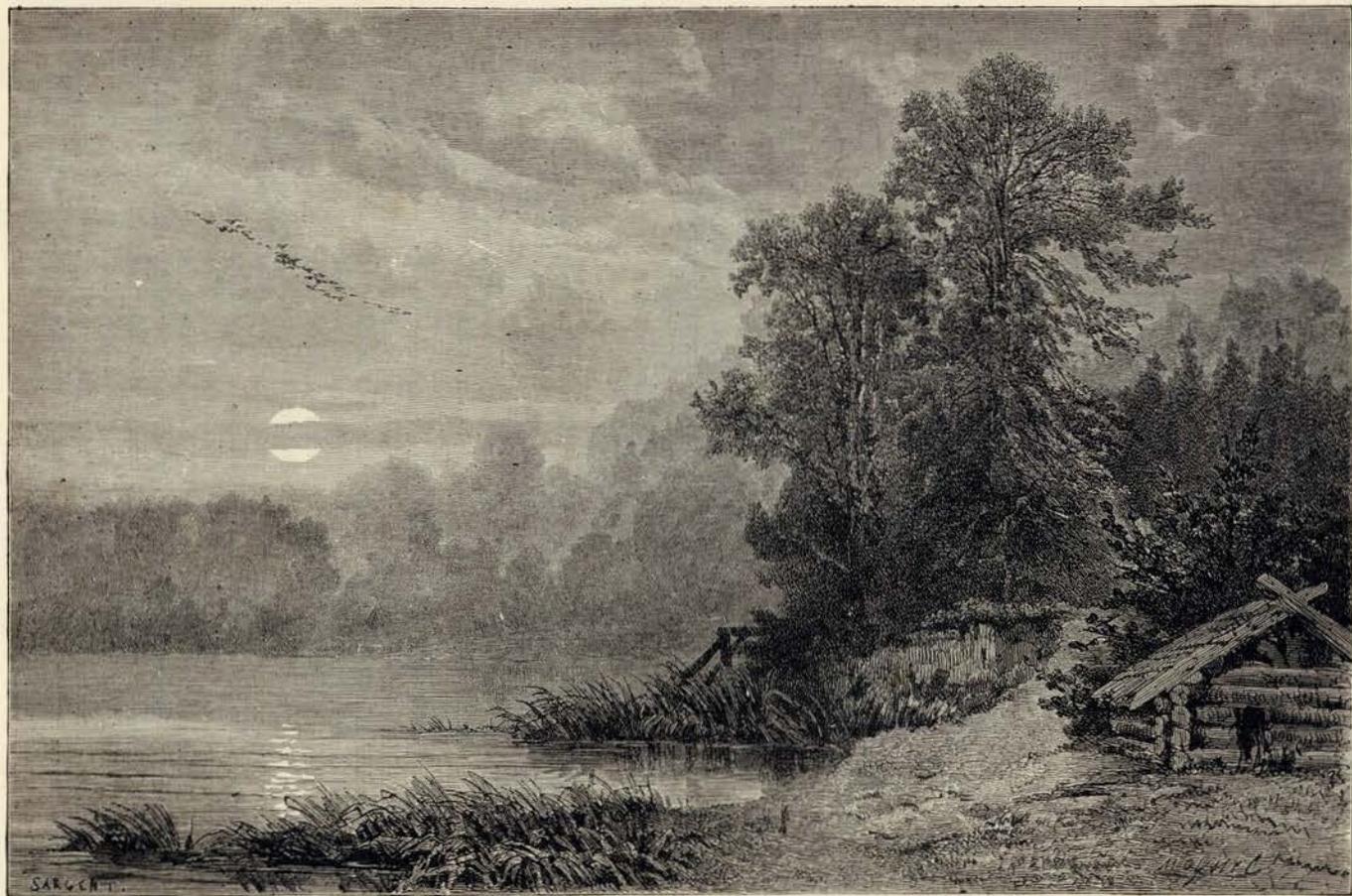
Em cima d'essas rodellas incandescentes é que se lançava a farinha delida em agua.

Bastava o calor da pedra para coser a farinha, ficando um bolo folhado.

Ainda hoje os pobres da Toscana empregam o mesmo processo para o fabrico da *polenta*, que é o pão de que se alimentam.



OS PEREGRINOS BAMBARAS



UMA MARGEM DO GOLFO D'ONEGA

CARTEIRA UTIL

O ASSUMPTO palpitante da occasião é o *cholera* e contra uma invasão d'esse inimigo terrível está o governo, com uma solícitude, que lhe faz honra, tomando todas as providencias e lançando mão de todos os recursos.

São dignos de louvor todos os esforços empregados; e, em nome do povo, que pelo meio em que vive e pelos poucos recursos de que dispõe, é quem dá a maior percentagem de mortalidade nas estatísticas demographicas de todas as epidemias, applaudimos as diligencias officiaes, que se estão fazendo para evitar a invasão do flagello e para combatel-o, no caso de elle apparecer entre nós.

Tambem a *Illustração Popular* deseja contribuir com o seu obulo para esse beneficio commum; e n'esse sentido vae dar ao povo, ao qual é dedicada, umas ligeiras noções da genese, symptomas e tratamento d'essa terrível molestia, e indicar os meios hygienicos preventivos contra ella.

O *cholera* tem a sua origem nas lagôas e rios do Indostão e no solo esponjoso do delta do Ganges.

Apoz copiosas chuvas é d'alli que surgem as legiões invisiveis d'esses morticidas microbios, que se espalham pelas regiões visinhas d'onde não sahiriam, se o fanatismo musulmano não levasse áquellas paragens os seus crentes para ahí celebrarem ceremonias religiosas.

Durante algumas semanas vivem alli aquelles desgraçados entregues aos exercicios estupidos de uma religião irracional e selvagem.

A aglomeração, a falta de limpeza, a carencia absoluta de commodidades, o sangue e as visceras das numerosas rezes, que abatem para os seus banquetes e sacrificios, expostos á acção do sol n'um solo miasmatico e insalubre, dão em resultado o facil desenvolvimento da epidemia, que procura n'elles as suas primeiras victimas.

Então essas caravanas retiram e levam consigo os germens fataes d'essa perigosissima doença; e em todos os campos por onde passam, em todas as cidades em que entram, a todos os viajantes que encontram, communicam o morbo pernicioso, que vae espalhar-se por toda a parte levando apoz si a desolação e o luto.

Tem tres periodos distinctos esta molestia. A *invasão*, a *asphixia* e a *reacção*.

O fermento do *cholera* absorve-se pelas vias

respiratorias ou digestivas e manifesta-se pelas perturbações da mucosa gastro-intestinal. O caracter essencial que apresenta é a decomposição do sangue, ao qual tira a parte aquosa, que se filtra atravez da mucosa do intestino despojado da epiderme pela inflammação.

Estabelecem-se então as dejecções glutinosas, que são a inauguração da doença e revelam a inflammação intestinal. Succedem-se depois os vomitos, e á medida que vão apparecendo esses phenomenos vão-se manifestando dôres horribes no estomago, palpitações violentas, vertigens e um profundo abatimento e prostração.

Manifestam-se então os symptomas da *asphyxia*, segundo periodo caracteristico da enfermidade.

Uma sede excessiva devora o padecente não havendo agua que lh'a mitigue, porque o intestino completamente desencaminhado do seu papel a não absorve.

O sangue, á falta de *sôro*, torna-se espesso como geleia de groselha e deixa de circular, transparecendo em largas manchas escuras sob a pelle cyanosada, livida, pegajosa e fria.

A physionomia transforma-se, o nariz afila-se, os olhos encovam-se, o corpo e o rosto emagrecem rapidamente, a voz falta, a respiração difficulta-se e o mecanismo de todas as funcções organicas paralyza, porque ao sangue, o seu principal motor, falta a agua indispensavel ao seu movimento.

Só o cerebro escapa a essa derrocada geral; mas o doente assiste a ella apathico, indifferente socegado e tranquillo; e esse sinistro torpôr é um symptoma infalivel da *asphyxia* progressiva.

E a morte vem caminhando lenta e methodica, paralyzando um a um todos os órgãos até que, pela suspensão da hematose ou pela paralyxia do coração, a suffocação acaba de matar as victimas d'essa horrível doença.

Muitas vezes, porém, estabelece-se a *reacção* e de repente desaparecem todos os symptomas do *cholera*, e estabelece-se o exercicio progressivo de cada uma das funcções, sendo um auspicioso signal o restabelecimento da secreção das urinas.

Este periodo a que se chama — *reacção* — é, infelizmente ás vezes exagerado, declarando-se uma grande inflammação e tomando a molestia um aspecto de uma febre typhoide, a que o doente succumbe fatalmente, attento o seu enfraquecimento e o estado precario das suas forças.

(Continúa.)

ALBUM

N'UMA LAPIDA

Sombra, passaste. Pó, levou-te a aragem.
 Voltaste ao nada. É esse o fim commum.
 Surgiu-te o escolho, em meio da viagem;
 Colheu-te, entregue aos prismas da *miragem*,
 Entre as azas de fogo, o simoum.

Mas quando, lyrio, fulminado na haste,
 Pendida a frente, a luz perdeste e a cór,
 Ai! em que magua e ermo nos deixaste!
 Nossos olhos buscavam-te em redor,
 Avidos, longos... Não te viam. Tudo
 Era escuro. Cobria-nol'o um veu!
 Chamavamos-te... E o espaço estava mudo.
 Tu já não eras nosso, eras do ceu!

PEREIRA DA CUNHA.

REVISTA DOS THEATROS

TEMOS pouco que dizer n'esta secção, porque a unica casa de espectaculos, que abre as suas portas ao publico, é o Colyseu dos Recreios, onde funciona a companhia hespanhola de zarzuella.

A *Marselheza* foi o grande e unico acontecimento da semana.

Primeiro annunciou-se, e á ultima hora foi retirada, dando lugar esse facto aos mais curiosos commentarios.

Dizia-se que o governo tinha comprado ao empresario, por uma quantia avultada, o exito problematico d'essa partitura, que podia alterar a ordem publica, no momento actual.

Houve quem acreditasse esse boato, felizmente desmentido pela realisação d'esse espectaculo que foi numerosamente concorrido, mercedamente applaudido e durante o qual não houve uma manifestação, sequer, que merecesse a advertencia da auctoridade, que a elle assistiu.

O nosso povo é essencialmente cordato e pacifico e até excessivamente moderado na expansão do seu enthusiasmo.

Depois do que se dizia era de esperar que a *Marselheza* desse lugar a ruidosas manifestações. Mas não aconteceu assim; as ovações foram todas para Caballero, um maestro distinctissimo e um regente de orchestra admiravel.

A empresa foi quem lucrou com os motivos que a obrigaram a addiar o espectaculo; porque a curiosidade publica estimulou-se e a casa encheu-se.

POR UM BEIJO

ROMANCE DE ERNESTO CAPENDU

I

Na Opera!

(Continuado do numero antecedente)

O CORPO de baile é a unica coisa que os dis-trahе; mas ainda assim prefeririam o *vau-deville*, que provoca a gargalhada ou o drama tragico, em cinco actos, que espreme do coração o sóro das lagrimas.

Fallemos dos assignantes, d'esses privilegiados, a quem a deusa caprichosa permite ter annualmente uma cadeira na superior, ou uma vez por semana um camarote de primeira ordem, ou uma frisa de bocca.

Estes tambem se podem sub-dividir em diferentes cathogorias.

Os assignantes de camarotes obedecem a uma lei da moda e teem o seu dia fixo para se mostrarem na Opera.

Se os obrigassem a assistir ao espectaculo em um lugar, onde não podessem ser vistos, não iam lá, porque a musica para elles é um prazer secundario e ás vezes até um pequeno supplicio.

Para a mulher não. Cada recita é uma questão simples, ou antes uma questão complicada de *toilette* e de penteado — é uma das mil occasiões de mostrar um vestido novo, feito nos *ateliers* de *Froment Meurice* ou de *Bassot* — é um ensejo de esmagar uma rival ou de fazer arder de ciumes o coração de uma amiga intima, porque na Opera são recebidas nos camarotes pessoas, para as quaes as portas dos salões nem sempre são officialmente abertas.

São visitas que uma circumstancia fortuita ou um *acaso* antecipadamente combinado levou n'essa noite ao theatro, e aproveitam um entre-acto para cumprirem esse dever de delicadeza, ao qual não podem fazer malevolos commentarios os esbirros da honra alheia nem os ciumes rasoaveis ou exagerados dos maridos intransigentes.

Finalmente a sahida é outra occasião propicia de fazer notar todas as bellezas, que a balustrada dos camarotes só deixou adivinhar!

Nada escapa aos olhos vigilantes d'esses Argus, que param no fundo das escadas para assistir ao desfilar d'essa legião de formosissimas mulheres.

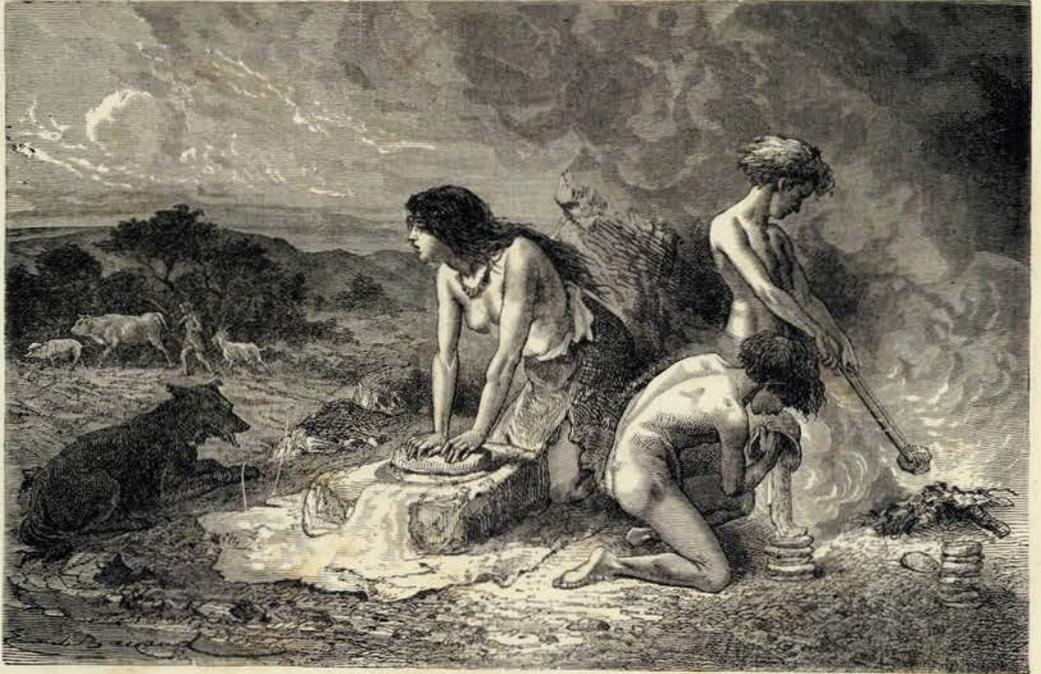
E, na multidão que se acotovella nos degraus e no vestibulo, é tão facil encontrarem-se duas mãos, trocarem dois olhares doces promessas, passar um bilhetinho do bolso do colete para a prega de uma luva ou para a dobra de um lenço guarnecido de rendas de Inglaterra!

O cahir do panno no 5.º acto, não é o termo do espectáculo para a parte, feminina, dos assignantes: prolonga-se durante o tempo, necessario ao trintanario, para ir chamar a uma das

ruas adjacentes o *coupé* ou o *landeau*, o que elle faz com um vagar e uma indolencia superiores a todo o elogio, e de que sabem aproveitar-se os amantes venturosos ou desgraçados, os adoradores felizes ou desprezados, finalmente todas as especies de leões amorosos.

Os homens teem uma importancia insignificante n'esta parte final do espectáculo.

(Continúa.)



A PREPARAÇÃO DO PÃO NA EDADE DA PEDRA

CHARADA

Nem vislumbre de clemencia—1
Ha no cirio e na credencia—1

Esforços não façás
Para o arrancar
Que está bem seguro
Não ha-de escapar.—2

Aviltado
Desprezado
Respeitado
E adorado.

P. A

Explicação da charada do 1.º numero—CORREIO.

LOGOGRIPHO

A primeira e a segunda
Fôrma um todo doce e duro;
Prima, segunda e terceira
Nada tem que seja escuro;
A minha primeira e quarta
Em cada casa acharás;
Reunindo tres e duas
Um maestro encontrarás.

Se alcançares o resultado,
Que desejas pressuroso,
Deixarás de ser o todo,
Serás um ente ditoso.

P. A.

Explicação do logogrifho do 1.º numero—UNIVERSO.